

Humorista é um tipo curioso. A maioria só gosta de fazer rir quando é paga para isso. Acho válido, como entendo o médico que se recusa a dar uma olhada naquela mancha estranha em seu ombro durante uma festa de casamento. O Bruno é um desses que não gostam de fazer piada fora do ar. Mas isso não quer dizer que ele deixe de fazer a gente rir com seu mau humor. Esta talvez seja sua maior qualidade: ele sabe transformar mau humor em comédia.

O Bruno que eu conheço é, acima de tudo, uma pessoa gentil e de uma generosidade invulgar. Eu o conheci enquanto fazia o *Zenas Improvisadas*, no Rio de Janeiro. Ele, já estrela da TV paga, foi nosso convidado. Depois disso, por suas mãos consegui um de meus primeiros papéis de destaque na TV, no programa *Cilada*, que ele escrevia e estrelava no Multishow. Essa naturalidade em dividir a cena é a razão por que ele se revelou o cara certo no lugar certo e na hora certa para fazer a renovação do humor na Rede Globo. O programa *Junto e Misturado*, que estreou em outubro, só foi possível porque ele se relaciona bem com as pessoas, novatos ou não. É político e realiza as coisas. Eu sempre soube que tenho potencial, mas ainda preciso de alguém que tome a iniciativa. O Bruno, pelo contrário, era redator final de um programa da Globo aos 19 anos. Tudo bem, ele é filho do Chico Anysio e o programa se chamava *Chico Total*. Mas ele assumiu a responsabilidade e cumpriu o papel muito bem, num humorístico de qualidade que cumpriu um ciclo de dois anos no ar.

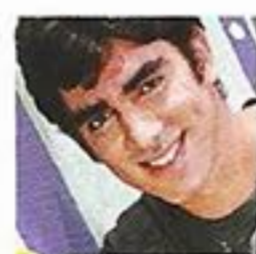
Neste ano, o Bruno começou a ser citado nas colunas sobre televisão ainda em janeiro. Já estava em várias campanhas publicitárias. Ficou nítido que ele seria o dono da bola. Tinha um quadro no *Fantástico*, estava com reprises no Multishow e tinha dois filmes em produção, o *Muita Calma Nessa Hora* e o *Cilada.com*. E agora veio o programa *Junto e Misturado*, que simboliza um novo caminho para o humor de massa, mais baseado na crítica ao cotidiano e menos em estereótipos. Não digo que ele foi “o” responsável pela renovação do humor brasileiro, porque foram muitos. Mas ele foi “o” agente da mudança, porque conseguiu arejar o humorismo na Globo, a maior emissora do Brasil. Que ele tenha conseguido isso sem trair seus ideais artísticos, é um milagre. Por mais que eu e meus colegas de Ban-

deirantes, RedeTV! e Record tenhamos nos esforçado, estamos em emissoras marginais.

Outra benesse que ele trouxe para a categoria: explicar aos espectadores que o *performer* é um e a pessoa física é outro. Gosto do que ele escreveu em seu Twitter: “Isso não é um Twitter de humor. É apenas o Twitter de um cara que trabalha com humor”. Acho maravilhosa essa independência. O cara pode escrever as piadas mais absurdas, mas pode também ser um pai de família, pode dar opiniões sobre política. Isso é muito novo no Brasil. Fomos ao Jô Soares e ele pediu para não se apresentar no palco, só dar entrevista. Ele sabe que uma entrevista “séria” pode ser até mais engraçada do que uma rotina ensaiada.

É o maior clichê depois do champanhe com morango, mas é a verdade: o que mais existe no meio artístico é gente querendo puxar tapete. Pensando como uma dessas pessoas, eu não deveria escrever sobre ele, porque de certa forma ocupamos o mesmo espaço. Mas eu jamais poderia competir com ele, não só porque somos amigos — mas porque ele não retribuiria o combate. Bruno sabe seu valor e, por isso, não pisa em ninguém. O Bruno chegou ao ponto em que não apenas é o filho de Chico Anysio, como também Chico Anysio é o pai de Bruno Mazzeo.

**Em depoimento a Marcelo Zorzanelli*



MARCELO ADNET No início do ano, Adnet ficou com a MTV só para ele. No ar em dois programas, se firmou como o mais promissor comediante brasileiro. Improvisando, imitando e trocando “créu” por Luis Buñuel (digite “Gaiola das Cabeçadas” no YouTube), mostrou que desconhece limites para a própria criatividade.



MARCELO TAS O careca mais brilhante da TV brasileira marcou um golaço na temporada 2010 do programa CQC. Tas e seus apaniguados espezinharam políticos com um humor que dilui as fronteiras entre avacalhação e jornalismo — algo que Tas inventou há quase 30 anos, com o personagem Ernesto Varela.